

O desenho como expressão do mundo vivido: a criança e o adulto em perspectiva

Drawing as expression of the lived world: the child and the adult in perspective

Lygia de Oliveira Ribeiro¹

Mayara Faria de Souza²

Jeani Delgado Paschoal Moura³

Resumo

O desenho faz parte do universo infantil, mas, à medida que crescemos, tendemos a abandoná-lo como linguagem expressiva, substituindo-o por outras formas de comunicação. No entanto, destacamos que o desenho permanece como uma forma significativa de expressar ideias, vivências e percepções do mundo que nos cerca, em todas as idades. Este artigo tem como objetivo compreender de que forma o desenho opera como um instrumento de interpretação das dinâmicas entre o sujeito e o mundo, tornando visíveis as suas percepções do vivido. Adotamos o método fenomenológico, buscando entender os significados das vivências dos sujeitos. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o desenho infantil e adulto na perspectiva fenomenológica, oficinas de desenho com crianças e adultos, e a posterior interpretação dos desenhos produzidos. Em síntese, os desenhos revelaram perspectivas, significados e modos de ser, demonstrando que o desenho pode ser uma ferramenta interpretativa valiosa tanto para adultos quanto para crianças.

Palavras-Chave: Experiência; desenho infantil; desenho adulto.

Abstract

Drawing is part of the world of children, but as we grow up, we tend to abandon it as an expressive language, replacing it with other forms of communication. However, we emphasize that drawing remains a meaningful way to express ideas, experiences, and perceptions of the world around us at all ages. This article aims to understand how drawing operates as a tool for interpreting the dynamics between the individual and the world, making their perceptions

¹ Professora da Rede Municipal de Santo Antônio da Platina, Paraná. Doutoranda em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: proflygiageo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1635-0086>.

² Professora da Rede Municipal de Bandeirantes, Paraná. Doutoranda em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mayarafariasouza7@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9537-8097>.

³ Professora do Departamento de Geografia, Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: jeanimoura@uel.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5603-1074>.

of lived experiences visible. We adopted the phenomenological method, seeking to understand the meanings of the subjects' experiences. To this end, we conducted a literature review on children's and adults' drawing from a phenomenological perspective, organized drawing workshops with children and adults, and subsequently interpreted the drawings produced. In summary, the drawings revealed perspectives, meanings, and ways of being, demonstrating that drawing can be a valuable interpretive tool for both adults and children.

Keywords: Experience; child drawing; adult drawing.

Introdução

Em geral, o desenho é associado ao mundo infantil, de tal modo que, ao longo da vida, as pessoas acabam deixando de desenhar e passam a expressar-se apenas por meio da escrita. Em nossa perspectiva, essa linguagem pode ser utilizada em todos os níveis de ensino - desde a educação infantil e o Ensino Fundamental até a educação de jovens e adultos - para promover o entendimento e a percepção do espaço vivido.

Na ciência geográfica, os desenhos e as expressões gráficas são intensamente valorizados no ensino, sendo amplamente debatidos pela comunidade acadêmica. No entanto, é necessário considerar as demais etapas e modalidades da educação. Nesse sentido, a proposta deste texto é apresentar ideias e práticas sobre a importância do desenho nas diferentes etapas da aprendizagem.

O desenho, enquanto forma de expressão e comunicação, é um meio pelo qual indivíduos, de diferentes idades, traduzem suas percepções sobre o mundo. Na infância, ele não apenas reflete a criatividade da criança, mas também manifesta suas experiências, relações e compreensões da realidade. Sob a perspectiva fenomenológica, especialmente na concepção de Merleau-Ponty (2006), o ato de desenhar transcende a mera reprodução visual, tornando-se um veículo de interação com o ambiente e com os outros.

Este artigo busca compreender de que forma o desenho opera como um instrumento de interpretação das dinâmicas entre o sujeito e o mundo, tornando visíveis as suas percepções do vivido. Através de uma abordagem fenomenológica, compreendemos como a percepção e a vivência de cada indivíduo influenciam sua maneira de desenhar, destacando as diferenças entre o olhar infantil e o olhar adulto. Além disso, discutimos a importância do

desenho como um recurso pedagógico, não apenas no ensino infantil, mas em todas as etapas da vida, contribuindo para a construção do conhecimento e para a compreensão das relações entre o sujeito e o mundo que o cerca.

O texto está estruturado em duas partes, nas quais relatamos os resultados que emergiram de nossas experiências: 1) Abordagem do desenho na perspectiva fenomenológica, a partir das concepções de Merleau-Ponty (2006); e 2) Práticas & Experimentações: o desenho na perspectiva da criança e do adulto.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e fenomenológica, pois busca compreender as experiências subjetivas dos participantes em relação ao ato de desenhar. A fenomenologia, conforme proposta por Merleau-Ponty (2006), fundamenta a interpretação, considerando o desenho como uma manifestação da percepção e da vivência de cada indivíduo. Utilizamos o método fenomenológico, no qual o foco não está em explicar os fenômenos, mas em descrevê-los, a fim de encontrar a essência do fenômeno, buscando significados nos eventos vividos pelos indivíduos (Bicudo; Esposito, 1994), a partir de uma revisão bibliográfica e da proposição de atividades voltadas à compreensão do mundo vivido da criança e do adulto, por meio do desenho.

Para isso, a pesquisa foi desenvolvida em duas oficinas:

- a) Oficina de desenhos com crianças: Participaram crianças do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Em sala de aula, as carteiras foram organizadas em filas, para que cada uma pudesse realizar seu desenho de forma individualizada, para que o fenômeno possa ser identificado posteriormente, o tempo de realização da atividade foi de uma hora. Elas foram convidadas a desenhar seu “lugar no mundo”, sem muitas instruções, para que pudessem se expressar livremente;
- b) Oficina de desenhos com adultos: A metodologia foi igualmente aplicada a participantes adultos, do qual foram participantes da oficina “O desenho como possibilidade de percepção do espaço” ministrada na Semana de Geografia da

Universidade Estadual de Londrina, em 2023, que elaboraram representações visuais de seu “lugar no mundo”.

Ao final da oficina de desenhos com crianças, foi pedido que elas explicassem tanto o desenho como seu significado, já que para Merleau-Ponty (2006) o universo gráfico infantil é diferente da forma de interpretação adulta. Necessitando que as próprias infantes descrevessem seus significados e contornos para maior entendimento da pesquisadora. Já na oficina de desenhos com adultos, foi realizada a socialização dos desenhos para que os participantes explicassem suas vivências e significações que trouxeram a partir das construções simbólicas.

Os resultados dos desenhos foram problematizados a partir da perspectiva fenomenológica, observando-se como os participantes expressaram suas percepções sobre o mundo e as diferenças entre as concepções de crianças e adultos. Além disso, foram feitas comparações entre os desenhos das duas faixas etárias, destacando como a percepção do espaço, dos fenômenos e das emoções se manifesta de maneira distinta.

Os critérios que orientaram a análise fenomenológica dos desenhos e relatos fundamentaram-se na estrutura conceitual de Merleau-Ponty (2006), priorizando a descrição da experiência vivida em detrimento de explicações causalistas. A interpretação dos produtos concentrou-se na relação corpo-mundo manifesta graficamente, tomando como eixos analíticos: a essência do fenômeno expressivo, o contraste entre a percepção infantil, caracterizada por uma imersão direta no entorno, e a representação adulta, marcada pela perspectividade e mediação cultural, e os significados atribuídos pelos próprios sujeitos em seus relatos. Rejeitando leituras adultocêntricas, a descrição e problematização buscou capturar as simbologias inerentes a cada produção, compreendendo o desenho simultaneamente como manifestação perceptiva, ato catártico e linguagem de interpretação da realidade, conforme sua singularidade etária e existencial.

Com essa abordagem, a pesquisa buscou compreender como o desenho se constitui como meio de comunicação e de interpretação da realidade em diferentes fases da vida, reforçando sua importância como linguagem expressiva e pedagógica.

Abordagem sobre o desenho na perspectiva fenomenológica

Ao observar um desenho, podemos perceber, por meio da expressão da outra pessoa, seu modo de ver o mundo e suas simbologias. Além disso, ao interpretar o desenho com base nas explicações do outro, mergulhamos na vivência que originou aqueles traços.

Segundo Almeida (2019), os desenhos são representações impregnadas de simbologias espaciais, cujas referências e sentidos emanam do contexto cultural, assim como ocorre com outras linguagens. De acordo com Merleau-Ponty (2006), ao desenhar, a criança expressa sua visão interior das coisas. Cabe a nós, adultos, “[...] nos esforçarmos mais para entender essa ‘tradução’” (Santos, 2020, p. 452).

Para a criança, seus desenhos significam, de forma global, sua percepção da realidade, visto que é impossível separá-la das influências culturais que a cercam, manifestadas também no que assiste, ouve e vivencia. Alguns desenhos infantis apresentam traços de uma realidade que não se assemelha à racional, pois a criança desenha espontaneamente, utilizando essa forma de linguagem para manifestar suas ideias e, principalmente, dar vazão à sua imaginação (Almeida, 2019).

Silva e Moura (2021) mostram que os desenhos infantis devem ser vistos como “escritas da Terra” e podem comportar novas leituras nessa fase da vida, em que o ser humano está voltado para a curiosidade e pode reescrever suas histórias e geografias a partir de suas experiências cotidianas, psíquicas e sociais, como um devir para que o mundo circundante seja mais sustentável. Almeida (2019) comenta que o desenhar é uma maneira eficaz de introduzir o conceito de mapa, especialmente nos desenhos de trajetos, que envolvem uma relação tempo-espacó e saberes sobre os lugares.

Assim, o desenho da criança demonstra seu contato com o mundo e com os outros, refletindo suas vivências e experiências. Na vida adulta, essa vivência ocorre de maneira diferente, permitindo uma compreensão mais elaborada das relações com o mundo e com os indivíduos que o cercam (Merleau-Ponty, 2006).

Até as produções gráficas dos mais jovens, que podem parecer confusos aos olhos dos adultos, refletem sua vivência com o mundo e na sociedade. Isso não significa que suas

vivências sejam confusas; a pouca precisão de seus desenhos é apenas uma forma de ver as coisas, sem muita atenção aos contornos (Merleau-Ponty, 2006).

Nesse sentido, não é a criança que desenha de forma confusa, mas os adultos que não estão habituados ao processo de criação dos traços infantis, pois tendem a desenhar de modo fiel ao que podem ver. Portanto, é preciso considerar que o desenho infantil não é, e nunca será, uma cópia do mundo em que a criança vive, mas um ensaio de expressão (Merleau-Ponty, 2006). O que a criança desenha está atrelado à sua subjetividade; cada parte do desenho carrega significados de acordo com seu ponto de vista.

Na interpretação dos desenhos, muitas vezes são destacadas as contribuições do biólogo e psicólogo Jean Piaget. No entanto, sob a perspectiva fenomenológica vinculada ao filósofo Merleau-Ponty, outras considerações devem ser feitas, não com a intenção de refutar suas teorias, mas de contribuir para a plena interpretação das relações infantis com suas respectivas criações gráficas e suas relações com o outro.

Nessa perspectiva, Piaget não conseguiu encontrar um termo que concebesse a perspectiva infantil sem inseri-la no mundo adulto. Um exemplo disso são suas categorias de desenvolvimento do desenho infantil, que começam e terminam em idades específicas. “Piaget não se refere, portanto, à experiência real, mas apenas à sua racionalização por meio de conceitos adultos” (Merleau-Ponty, 2006, p. 180).

Piaget também aborda o egocentrismo infantil, o que, segundo Merleau-Ponty (2006), deve ser entendido não como uma concepção do mundo, primeiramente subjetiva, para depois construir suas concepções externas, mas como a falta de autoconsciência da criança, que ainda não distingue claramente entre o “eu” e o mundo exterior.

Para Merleau-Ponty, a criança pequena é “mundocentrada”, ou seja, ela não consegue separar o seu “eu” do espaço e do outro. O pensamento infantil é complexo e diferente do pensamento do adulto. Não se pode dizer que a experiência infantil é impenetrável e impossível de ser compreendida; no entanto, é possível haver comunicação entre adultos e crianças a partir de relações compatíveis, sem interpretar a criança com um olhar exclusivamente adulto.

Por isso, é fundamental entender a criança por ela mesma. Para Machado (2010, p. 36), na perspectiva merleau-pontiana, o adulto ou educador precisa “olhar com os olhos, cheirar com o nariz, tocar com as mãos e pés, saborear com a boca” todos os aspectos da vida da criança, buscando o entendimento das relações infantis consigo própria, com o outro e com o mundo.

Merleau-Ponty (2006) ressalta que o desenho infantil deve ser compreendido dentro do contexto do desenvolvimento global da criança, enfatizando a importância do corpo e da percepção na aprendizagem e na expressão. Dessa forma, ele propõe uma abordagem mais fenomenológica da pedagogia, em que o ensino do desenho não deve ser baseado em regras fixas, mas sim respeitar a evolução natural da percepção e da expressão infantil.

Na fase adulta, a prática gráfica assume a função de sublimação e catarse. Merleau-Ponty (2006) estabelece uma analogia entre a produção da criança e a do indivíduo maduro, salientando que esta última, embora marcada por maior objetividade, não consegue veicular a integralidade do real representado. Tal limitação decorre da preocupação do adulto em projetar a sua percepção do mundo sob uma concepção perspectivada.

A relação do adulto com o mundo distingue-se da experiência infantil, na qual a criança se constitui como uma extensão de seu entorno. O indivíduo maduro, por sua vez, opera a partir de uma visão perspectivada. O ato de desenhar envolve precisamente esse processo de inscrição de traços onde não existem e, por vezes, a supressão daqueles que estão presentes (Merleau-Ponty, 2006).

Em contrapartida, a produção gráfica infantil supera a do adulto simultaneamente em subjetividade e objetividade: mais subjetiva, pois se emancipa da mera aparência fenomênica; e mais objetiva, já que almeja capturar a essência das coisas. O indivíduo maduro, inversamente, tende a representar a realidade a partir de um único ponto de percepção, invariavelmente fixo no seu próprio.

As concepções psicológicas inerentes a cada uma dessas fases da vida fornecem lentes interpretativas distintas para a análise gráfica, por derivarem de marcos referenciais únicos. Dessa forma, a produção adulta exige uma leitura ancorada em sua própria cosmovisão, assim como a infantil deve ser decodificada a partir de seu universo singular.

A partir dessas compreensões, na seção seguinte, apresentaremos práticas de experimentação com desenhos realizados por crianças e adultos.

Práticas & experimentações: o desenho na perspectiva da criança e do adulto

Esta prática pedagógica foi estruturada em duas etapas: primeiro, realizamos uma oficina de desenho com crianças do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, solicitando que desenhassem seu “lugar no mundo”. Em um segundo momento, a dinâmica foi replicada com participantes adultos, participantes da oficina “O desenho como possibilidade de percepção do espaço” ministrada na Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, em 2023, solicitando a elaboração de representações análogas. As instruções foram mínimas em ambos os casos, permitindo que os participantes tivessem liberdade para expressar a temática proposta por meio de seus desenhos.

Esclarecemos que os desenhos criados pelas crianças foram apresentados aos adultos, que puderam apreciá-los e comentar sobre eles. Embora a comparação entre os desenhos das crianças e dos adultos seja uma parte central da análise, a ênfase deste artigo recairá sobre a oficina realizada com os adultos, explorando suas percepções e interpretações sobre o “lugar no mundo” em diálogo com os desenhos infantis.

Para qualificar nossa discussão, buscamos fundamentação nos estudos sobre mapas vivenciais. Compreendendo os mapas vivenciais como artefatos culturais que amalgamam espacialidades, temporalidades e os valores nelas presentes, funcionando como um gênero textual privilegiado para a enunciação do viver em seus processos geográficos (Lopes; Costa; Amorim, 2016). Diferentemente dos mapas mentais ou narrativos, que partem de uma internalização subjetiva do real, os mapas vivenciais situam-se na unidade dialética ser-mundo, evidenciando a condição humana de sempre criar o novo e produzir a história a partir desse novo (Lopes; Costa, 2023).

Na oficina aplicada aos adultos, após a conclusão de seus próprios desenhos e a apreciação dos desenhos infantis, pedimos que reservassem um momento para responder a uma questão no aplicativo “Mentimeter”. A pergunta era: O que é desenho para você? Os

participantes deveriam responder com uma única palavra. No total, recebemos 14 respostas, representadas na Figura 1.

Figura 1 – “Para vocês, o que é desenho?” Percepção do espaço a partir de desenhos na oficina da Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, 2023



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Dessas respostas, podemos inferir que o desenho é percebido pelos adultos como uma prática multifacetada, carregada de significados que vão além da simples reprodução visual. Para eles, desenhar é uma forma de arte e expressão, permitindo manifestar emoções, percepções e experiências. É também um ato de liberdade e imaginação, no qual a criação não é limitada por regras rígidas, mas guiada pela subjetividade e criatividade de cada indivíduo.

Além disso, o desenho é visto como um meio de comunicação e representação, servindo para transmitir ideias, sentimentos e vivências de maneira visual. As respostas sugerem que desenhar é também uma forma de autoconhecimento - uma ação introspectiva que facilita o entendimento de si mesmo e das relações com o mundo. O desenho é compreendido como uma linguagem universal, funcionando como um canal para expressar emoções de maneira única e pessoal. Essas percepções revelam que, para os adultos, o desenho constitui uma linguagem poderosa tanto no plano individual quanto social, refletindo a complexidade e a riqueza da experiência humana.

Em síntese, observamos que as respostas refletiram a subjetividade dos participantes, demonstrando que o desenho está intrinsecamente ligado à vivência do ser humano, que cria e recria significações a partir de sua relação com o mundo. Essa noção de vivência, como unidade ser-mundo, é central para compreendermos os desenhos produzidos não como representações fossilizadas, mas como vidas no movimento dialético do começo, recomeço e novo começo (Lopes; Costa, 2023; Moura, 2024). As sensações, que no intelecto formam as percepções, passam a se manifestar nas interações com o meio, apresentando significados distintos conforme a forma como cada sujeito vivencia a realidade (Bicudo; Esposito, 1997).

Gratão e Moura (2022, p. 245) afirmam que “[...] desenhar é uma arte de dar vida à imaginação criadora. Desenhar é criar! Os desenhos são reveladores de uma maneira própria de sentir, enxergar e imaginar o mundo, e de revelar os seus sonhos!”. O desenho comporta uma variedade de significações sobre o espaço representado. Além disso, na infância, ele pode revelar a etapa de desenvolvimento em que a criança se encontra, permitindo que o professor, ao compreender essas expressões, proponha experimentações adequadas à faixa etária (Ribeiro; Souza; Moura, 2023).

Ao apresentarmos aos adultos os desenhos infantis realizados com a replicação da proposta “Desenhe seu lugar no mundo”, eles puderam manusear e observar os traçados feitos pelas crianças, reconhecendo diferentes modos de conceber o mundo da vida. Essa experiência dialógica ecoa a potência dos desenhos que, ao romperem com as hierarquias de saberes no campo da cartografia, permitem o acesso à espacialidade das vivências infantis, velada ou desvelada em seus enunciados (Lopes; Costa, 2023). Nesse sentido, foi importante retomar algumas contribuições de Merleau-Ponty (2006), que argumenta que a criança não deve ser interpretada como um ser distinto dos adultos, nem como uma versão inacabada deles, mas sim como um ser polimorfo, capaz de perceber e conceber o mundo de diversas formas, até incorporar uma formação cultural própria.

Por fim, solicitamos que cada participante comparasse seu desenho com o das crianças, a fim de refletirem sobre as diferenças nos modos de ver e perceber o mundo e os elementos nele presentes. Essa comparação permitiu evidenciar os contrastes entre a compreensão infantil e a adulta da realidade, como ilustram as Figuras 2 e 3.

Figura 2 - Desenhos infantis “O meu lugar no mundo” realizados em 2023



Fonte: Ribeiro (2025).

Figura 3 – Desenhos Adultos “O meu lugar no mundo” realizados em 2023



Fonte: Ribeiro (2025).

Podemos inferir que há diferenças significativas nas percepções, construções de significado e formas de vivenciar o mundo entre crianças e adultos. A criança, ao desenhar,

busca representar seu contato direto com o elemento figurado, conferindo-lhe uma presença real e concreta. Tal característica se assemelha à lógica observada por Lopes, Costa e Amorim (2016) nos mapas vivenciais infantis, onde as crianças não seguem uma base e extrapolam o que seria considerado convencional, estabelecendo estratégias próprias de contornos que não se restringem a um espaço estático, mas vivenciado, em movimento.

Já o adulto tende a adotar uma visão mais “clássica” do desenho, buscando projeções em perspectiva e formas mais convencionais de representação (Merleau-Ponty, 2006). Assim, é possível concluir que os aspectos relevantes no mundo vivido das crianças diferem das concepções que orientam a percepção dos adultos (Ribeiro, 2023).

O desenho, em qualquer fase da vida, pode refletir a relação entre o “eu” e o “outro”, apresentando elementos que contribuem para a interpretação dos fenômenos vivenciados. Desse modo, pode ser compreendido como uma linguagem potente para acessar o mundo vivido de cada indivíduo, sendo aplicável em todos os níveis da educação. O ato de desenhar permite explorar as correlações entre as fases da vida e as distintas formas de perceber e conceber o mundo.

Considerações finais

Discutimos como o desenho faz parte da vida das crianças e como, por meio dele, é possível compreender de que forma esse ser em formação entende e interpreta sua vida e a sociedade em que está inserido.

Na ciência geográfica, essa linguagem é amplamente explorada, sobretudo como ponto de partida para a compreensão e confecção de mapas. No entanto, na maioria das vezes, o desenho é utilizado apenas com crianças nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sendo raramente empregado nas demais etapas e modalidades da educação - especialmente em turmas formadas por adultos.

O desenho revelou-se uma linguagem valiosa tanto para o ensino de Geografia quanto para a compreensão das experiências vividas por crianças e adultos.

Torna-se necessário, portanto, um olhar sensível e diferenciado para cada pessoa que desenha, reconhecendo que crianças e adultos possuem percepções distintas sobre o mundo

e sobre o outro - não “erradas”, mas diferentes, resultantes das diversas formas com que compreendem seus lugares no mundo.

Ao reconhecermos o valor do desenho como uma linguagem universal, podemos ampliar seu uso em todas as fases da educação, não apenas como ferramenta didática, mas como meio expressivo que possibilita uma compreensão mais profunda das vivências e percepções dos sujeitos.

Por meio do desenho, tanto crianças quanto adultos podem revelar suas interpretações de mundo, permitindo que educadores ajustem suas práticas pedagógicas para atender às necessidades e perspectivas diversas. Assim, promovemos uma educação experiencial e sensível às singularidades de cada etapa da vida.

Referências

- ALMEIDA, R. D. Cartografia escolar e pensamento espacial. **Revista Signos Geográficos**, Goiânia, v. 1, p. 2-17, dez., 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/61540>. Acesso em: 16 fev. 2024.
- BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. (org.) **Joel Martins... um seminário avançado em fenomenologia**. São Paulo: EDUC, 1997.
- BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. (org.) **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora Unimep, 1994.
- GRATÃO, L. H. B.; MOURA, J. D. P. Pelo (per)curso das águas... no “caminho d’o rio” ... múltiplos olhares! In: FERNANDES, A.; CRAVO, C.; CASTRO, F. V. (org.). **Desafios curriculares no séc. XXI**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022. p. 231-253.
- LOPES, J. J. M.; COSTA, B; M. F. Mapas vivenciais e espacialização da vida. **Porto das Letras**, Porto Nacional, v. 9, n. 1, p. 321-335, mar., 2023. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/15710>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- LOPES, J. J. M.; COSTA, B; M. F.; AMORIM, C. C. Mapas vivenciais: possibilidades para a cartografia escolar com as crianças dos anos iniciais. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 11, p. 237-256, jan./jun., 2016. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/381>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- MACHADO, M. M. **Merleau-Ponty & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- MERLEAU-PONTY, M. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MOURA, J. D. P. **Ofício na/da docência**: por uma educação sensível à experiência. Teresina: Cancioneiro, 2024.

RIBEIRO, L. O. **A espacialidade da criança:** sobre a experiência perceptiva como abertura ao mundo da vida. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023. Disponível em: <https://pos.uel.br/geografia/teses-dissertacoes/a-espacialidade-da-crianca-sobre-a-experiencia-perceptiva-como-abertura-ao-mundo-da-vida/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

RIBEIRO, L. O.; SOUZA, M. F.; MOURA, J. D. P. Perspectivas da infância nos espaços escolares: notas sobre as experiências vividas. In.: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA. 15., 2023, Palmas. **Anais** [...] Palmas: Editora Realize, 2023. p. 1-7. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/93983>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SANTOS, C. A geografia da infância no ensino fundamental em Nova Iguaçu/RJ. **Ciência Geográfica**, Bauru, v. 24, n. 1, p. 33-52, jan./dez., 2020. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIV_1/agb_xxiv_1_web/agb_xxiv_1-33.pdf. Acesso em: 4 maio 2024.

SILVA, J. A. P.; MOURA, J. D. P. Experiência e percepção da natureza na infância. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 25, n. 4, p. 1-27, mar., 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/47022>. Acesso em: 15 jun. 2024.